

## #67 Dharma Tolo Dudjom Lingpa 3 – RI 2020

Lama Padma Samten

<Bacupari, 22/08 a 30/08>

Transcrição e revisão: Mônica Kaseker 22/06/2023 a 24/06/2023

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #67

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo e-mail [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

### Busque a fonte das palavras

Enquanto a visão que Dorje Drölo, aliás, enquanto a visão que as iniciações trouxeram para ele estão operando, ele termina percebendo que isso é uma ação da mente, como se fosse uma ação do foco da mente. E quando o rugido dos animais selvagens e ele está nu na natureza, esse rugido se apresenta, ele perde essa realização. Ele perde isso. Então esse aspecto é um aspecto ainda discursivo, porque ele tem uma ideia, tem um foco da mente sobre as coisas. Ainda que essa visão seja perfeita, ela depende da apresentação dessa mesma visão. E essa visão, ela pode competir com outras visões que vão se introduzir. Tem uma fragilidade ainda dentro disso. Dorje Drolö invocado, por Dudjom Lingpa, que reza para Guru Rinpoche, que surge na forma de Dorje Drolö, e dá esse ensinamento que é não discursivo, é a prática não discursiva. Ou seja, ele vai reconhecer a manifestação que já existia, a manifestação incessante, que não precisa ser focada, ela está completamente presente. Portanto, ele não perde, não pode perder. Esse é o ponto. Ele vai para essa direção. Dorje Drolö finaliza introduzindo recomendações para ele. A primeira delas é: busque a fonte das palavras.

Nós estamos nesse ponto: *busque a fonte das palavras*.

*Ao investigar e analisar a fixação tendenciosa de dizer a palavra “eu”*

Ele vai agora focar em como brota essa sensação de um eu.

*Ao investigar e analisar a fixação tendenciosa de dizer a palavra “eu”, e a fixação ao pensamento “eu sou”, você descobre que a base de designação de tudo – incluindo carne, sangue e ossos, por todo o exterior e interior do corpo, e do topo da cabeça até a sola dos pés – é não objetiva e vazia.*

A base de designação de tudo é não objetiva e vazia. Isso é um ponto super importante. Aqui tem um comentário que eu queria trazer que é assim: em primeiro lugar, o reforço dessa visão. A gente precisaria entender do mesmo modo que essa sala não é as paredes, não é as múltiplas coisas, ela é inseparável da nossa própria mente, a forma como nós entendemos a sala e, por isso, a sala pode mudar e mudar e mudar, sem as paredes mudarem. Do mesmo modo, o corpo. Baseado nas múltiplas sensações, múltiplas operações, incluindo carne, sangue e ossos, por todo exterior e

interior do corpo, a sensação de corpo, a nossa sensação de eu, ela está além desses elementos todos, do mesmo modo que a sala está além disso. Essa é a compreensão.

O que eu queria trazer a mais é assim: quando a gente percebe que isso não é, por exemplo, a sala não está nas paredes. A nossa sensação de identidade, de existência de um eu, ela também não está nos ossos e na carne, nas coisas todas. Não está. Então, quando nós operamos desse modo, dizendo que não está, é importante que a gente entenda que isso é uma espécie de vacuidade mal humorada. Ou seja, nós negamos a base para a existência daquilo. Mas isso fica assim. Essa vacuidade mal humorada é melhor que ela seja complementada com uma vacuidade bem humorada que é não a negação da base por aquilo, mas o reconhecimento de como aquilo surge a partir de uma base que é vazia, pela própria luminosidade. O aspecto construtor luminoso que dá o significado, ele é o que dá o significado a todas as coisas e produz significado por todo o lado. Esse é o aspecto luminoso. Tem um aspecto vazio e tem um aspecto luminoso. É muito importante que, junto com o aspecto do vazio, a gente reconheça o aspecto luminoso, que é o que resolve, porque completa essa compreensão.

### **Vacuidade mal humorada**

Aí ele segue nessa visão de vacuidade mal humorada. Isso não tem um problema, porque isso quebra a nossa fixação. É super importante que quebre. Ele segue dizendo:

*Então, continue a expor o erro buscando por cada uma das palavras específicas como cabeça, pés, braços, articulações, e assim por diante.*

Aqui é como se ele tivesse entrando no Satipatthana. Eu vou olhar o corpo, eu vou olhar cada pedaço do corpo e vou olhar aquilo como aquilo é. Mas aqui ele não está propondo a olhar como é, ele está propondo a expor o erro. É nesse sentido que tem o aspecto de vacuidade mal humorada. Porque o olhar como é, significa que eu vejo que aquilo não brota daquilo, mas aquilo brota e eu vejo como aquilo brota. É a visão completa.

*Então, continue a expor o erro buscando por cada uma das palavras específicas de cabeça, pés, braços, juntas, e assim por diante. Com respeito ao modo de investigação de todas as formas de estabelecimento de nomes e convenções no ambiente externo, por exemplo, examinando a palavra casa, em termos das áreas internas e externas, superiores e inferiores, e do seu barro, pedras e assim por diante, ela desaparece por si mesma.*

Do mesmo modo que essa sala. Se eu pensar: essa sala é as janelas, tiro as janelas. A sala é o reboco, tira o reboco. E vai tirando uma por uma das coisas, eu não tirei a sala, mas de repente a sala desaparece. Porque aqui, a base que eu utilizei para designar a sala desaparece, sem eu ter tirado nenhum pedaço da sala. Aí eu começo a repor. Eu coloco tijolos, janelas, etc. E vou olhando. Aí eu tenho esse conjunto e, num certo momento, eu reconheço: a sala. Como a casa. Ele está usando esse exemplo. Essencialmente ele está vendo que é essas várias coisas que compõem não são decisivas para aquilo que a gente está vendo. A gente vê, mas ele chama isso erro. Nós podemos chamar isso de luminosidade da mente.

Aí ele diz:

*A terra (que estava na casa) se torna potes. As designações das secções altas e baixas das pedras, o topo e a parte baixa das árvores.*

Então nós olhamos para as pedras, por exemplo, olhamos para a parte de topo e a parte baixa das árvores, e assim por diante.

*Elas naturalmente desaparecem onde elas estão e através de transformações e modificações.*

A gente vai cortando, serrando...

*Elas se tornam moinhos de água, fogões, pilares e vigas.*

E ele vai considerar isso o erro. Quando a gente perde a visão daquilo como era.

*A água se torna chá. O fogo se torna a chama de uma lamparina de manteiga. O ar se torna uma rajada em um fole que assopra, o fogo e assim por diante. Revele a falácia de cada um desses casos que as bases de designação de tais transformações, cessações e desaparecimentos não pode ser clarificada.*

Onde é que está a base para a designação do fole, do ar que é assoprado para a chama de uma lamparina de manteiga, para a gente chamar de chá a água que a gente captou? E assim por diante. Não tem base. Esse aspecto de erro, ele está trabalhando essa dimensão que vai nos dizer que a base não existe. A base é a própria ação luminosa da mente.

### **Destrua a fixação à permanência das coisas**

O segundo ponto é destrua a fixação à permanência das coisas.

*Se o que foi estabelecido como uma entidade é verdadeiramente existente, definitiva e permanente em sua natureza, deve conter plenamente sete realidades: ser invulnerável, invulnerabilidade.*

Ele vai pegar as características Vajra. Aquilo que é verdadeiro, da Natureza Primordial:

*Invulnerabilidade, indestrutividade, realidade, incorruptibilidade, estabilidade, inobstrutibilidade e total invencibilidade. Mesmo as coisas que parecem ser assim por aparentarem serem firmes, pesadas, sólidas, existentes e permanentes, se todas as casas, terra, pedra, fogo, e água fossem destruídos, controlados, assoprados e dispersos, eles repentinamente desapareceriam como um sonho ou uma ilusão. Em geral, o mundo físico e seus habitantes, com todas as suas formas, cores, aparências que surgem dos cinco elementos, são vazios de suas próprias identidades, desaparecendo na vastidão do espaço como nuvens e névoa.*

Elas são vazias de sua própria identidade. Elas surgem pela não dualidade com a mente. Mas nesse momento ele está trabalhando o aspecto de vacuidade mal humorada. Ele está cortando, tirando a base disso.

*Mas mesmo que você saiba que eles são vazios de seu próprio lado, se você não os reconhece como sujeitos e objetos do pensamento dualista, não há benefício, nem dano. Como um pedinte olhando a arca do tesouro de outra pessoa, seu conhecimento é inútil e trivial.*

Mesmo que você saiba que eles são vazios, se você não os reconhece como sujeitos, no caso o observador e o objeto do pensamento dualista, se você não entender isso, então você não chega no ponto. Você seria como um pedinte olhando a arca do tesouro de outra pessoa, porque você sabe que está vazio. Mas esse conhecimento, enfim, não resulta em nada. Então é necessário entender que isso surge de uma aparente dualidade entre sujeito e objeto, uma dualidade que, na verdade, quando nós olhamos ela é não dual, ela surge no mesmo fenômeno. Se a gente não entender isso, é como se ele tivesse perdido o ponto.

### **Faça desabar a falsa caverna**

Aí vem a terceira recomendação: *faça desabar a falsa caverna*. Na nossa linguagem seria como a bolha, a bolha real. Isso tudo o que eu vejo já é real. Agora eu vou quebrar isso, porque se essa experiência toda ao redor, ela é algo artificial.

*Se você tiver a compreensão, a experiência e a realização do modo pelo qual Samsara e Nirvana não são o outro que sua própria mente.*

A gente começa apontando o erro. Agora a gente se deu conta da não dualidade da aparência e objeto. Se a gente se deu conta disso, então ele diz:

*Se você tiver a compreensão, a experiência, a realização do modo pelo qual Samsara e Nirvana não são outro que sua própria mente, esse é um ponto profundo e potente. Entretanto, libere sua mente lá, em sua própria natureza essencial, solta e livre.*

Agora nós vamos olhar essa natureza solta e livre que produz essas experiências.

*Investigue tudo dela, sua periferia, centro, início e fim. Se você não puder estabelecê-la como algo e se, analisando e investigando quão grande espaçosa seja, você vê todos os três âmbitos do mundo físico e seus habitantes como uma totalidade dentro da vastidão totalmente abrangente do espaço.*

Aqui nós começamos a olhar, tentar localizar essa mente que produz essa manifestação toda. E quando nós fazemos isso, se não pudermos estabelecê-la, não conseguiremos localizar isso em nenhum lugar. Mas examinando com cuidado, vemos que as aparências vão surgindo como essa manifestação não dual. Essa manifestação não dual é vista como aquilo que produz a experiência dos três mundos, *dos três âmbitos do mundo físico e seus habitantes como uma totalidade dentro da vastidão totalmente abrangente do espaço.*

*Se você não sabe disso, mas encontra isso, assegure-se que todos os tipos de mundo do Samsara são experiências delusivas e nem remotamente estão estabelecidas como verdadeiramente existentes separadamente em si mesmas. Com respeito a um fluído, os seres dos infernos o veem como lava, os pretas, demônios famintos, veem como pus e sangue, os animais veem como algo para beber, os humanos veem como água, os devas veem como ambrosia, e assim por diante. Para cada um surge como sua própria percepção e experiência, mas não tem existência verdadeira que não na dependência de cada um que surge junto olhando.*

*Agora, os seres sencientes parecem morrer devido a coisas pequenas como armas. Assim, o frio e o calor dos infernos e a fome e o frio dos pretas não os mata.*

Isso é espantoso. Os seres sencientes parecem morrer devido a coisas pequenas, como armas. Ainda assim, o frio dos infernos é destruidor, produz a morte dos seres dos infernos, do mesmo modo, o calor, a fome, o frio no reino dos seres famintos mata eles também. Mas eles não morrem porque nós descrevemos o que nós descrevemos a agonia dos seres dos infernos no frio e no calor, a agonia dos poetas na fome e na falta d'água e no frio. Mas eles não desaparecem.

*Esse fato revela a falácia de sua existência verdadeira. Porque ela é uma experiência. Uma vez que eles não são mais que meras aparências delusivas e experiências.*

Se os infernos fossem infernos, já tinham terminado tudo. Se o reino da carência fosse o reino da carência, tinha evaporado.

*Se você examinar as causas e condições como um ferreiro que funde a base de ferro incandescente do inferno. Está lá o ferreiro preparando a base de ferro incandescente do inferno. E as construções que criam as chamas e a lareira do inferno, você precisa reconhecer que essas são apenas aparências delusivas que não têm existência verdadeira. Além do mais, como se dá o amadurecimento das falhas e do carma dos mestres e trabalhadores dos infernos?*

Se eles estão lá, como é que eles não purificam e vão embora? Se não há amadurecimento do carma para eles, porque os outros precisariam passar pelos infernos? E os outros então

amadureceriam e não os guardas dos infernos? Isso nem é Dudjom Lingpa que está questionando. Então tudo bem, é o seu próprio Dorje Drolo que está questionando, é Guru Rinpoche que está questionando isso.

*Se você examina esses pontos, você assegurará que, por seu próprio lado, eles são como aparências de um sonho, independentemente de sua duração.*

A gente ganhou o dia hoje, acabaram os infernos e o reino dos seres famintos.

*Assegurem-se que todos os seres sencientes sujeitos à sua própria fixação dualística envolvendo eu e meu, sujeito objeto, estão sob o domínio do ciclo delusivo dos três âmbitos da existência. Os três reinos, os três mundos. Como um corpo e sua sombra, eles sustentam a base relativa aos objetos de seus próprios pensamentos.*

Eles são como sombras. Baseado naquele conjunto de referenciais, a sombra surge junto com o corpo desses referenciais.

*Esse é um processo duradouro de aderência habitual na proximidade a esses vários objetos. Durante os sonhos à noite, você não reifica e se identifica com os objetos como terra, água, fogo, ar e espaço, bem como as construções, parentes, amigos, seres amados e todos os tipos de seres sencientes. Para não mencionar todos os medos, alegrias e tristezas do modo exato como durante um dia.*

Você está num sonho. Não tem nada que seja objetivo, mas você está engajado.

*Se você examinar sucessivamente todo o período dos anos, meses e dias que se passaram e tudo o que o circunda, amigos, seres amados, propriedades e casas, eles não são diferentes de sonhos sutis e grosseiros.*

Naturalmente, isso é para contemplar.

*Além do mais, não há a menor diferença entre as 360 aparências diurnas e as 360 aparências noturnas de um ano, exceto o mero grau de sutileza e densidade dessas experiências. Para onde vão os sujeitos e objetos das aparências diurnas à noite?*

Ou seja, quando a gente dorme para onde vão essas experiências todas que a gente tinha?

*Os sujeitos e objetos das aparências noturnas, por sua vez, desaparecem durante o dia.*

Ele está dizendo isso para dizer que se eles tivessem solidez, eles não desapareceriam.

*Procure ver se eles estão escondidos em algum lugar e, se não os encontrar, eles nada mais eram que sua própria mente. Observe que a diferença entre o nascimento e a morte dos seres humanos em um sonho, e o nascimento e a morte de seres sencientes que aparecem durante o dia é uma questão de aparências deludidas e experiências. Mesmo que você reconheça o mundo fenomênico como consistindo de aparências mentais, se você se prender ao agente deludido como sendo interno, e as aparências delusivas como externas, como uma ilusão e um ilusionista, um sonho e o sonhador, você estará firmemente preso aos elos da fixação dualística.*

Aqui ele identifica o ponto em que Dudjom Lingpa estava preso quando ele ouvia os sons dos animais. Eu vou repetir: *mesmo que você reconheça o mundo fenomênico como consistindo de aparências mentais*, que é o que Dudjom Lingpa tinha descrito, *se você se prender ao agente deludido como sendo interno e às aparências de alusivas como externas*

É mais ou menos assim: aquilo que surge é a delusão de mim mesmo. O aspecto deludido reforça a identidade. Eu não existo porque eu tenho lucidez, eu existo porque eu estou deludido. A

pessoa montou firmemente a separação sujeito/objeto. As aparências estão lá e são uma delusão. E eu estou aqui deludido por aquelas aparências. Mas eu estou aqui e as aparências estão lá. Como uma ilusão e um ilusionista ou um sonho e o sonhador. Existe o sonho e existe quem sonha. Quando eu falo do sonho, eu também estou dando solidez ao sonhador.

*Se você operar desse modo, você estará firmemente preso ao zelo da fixação dualística.*

Ou seja, a dualidade.

*Em lugar disso, saiba que a identidade conceitualizada que é vista como um eu e todos os seus aspectos, que estão estabelecidos como um mundo físico externo e seus habitantes sencientes, surgem dentro da vasta expansão da natureza essencial da mente totalmente pervasiva.*

Tudo isso surge dentro da vasta expansão da natureza essencial da mente totalmente abarcante.

*Exatamente como as imagens de um espelho não existem além da face do espelho. Além do mais, a cada vez que transmigrar e renascer nos três âmbitos da existência, os três mundos, você não seguirá para outros lugares após deixar para trás os anteriores.*

A transmigração que eu deixo alguma coisa e vou para um outro lugar.

*Veja, as aparências do dia são sucedidas pelas aparências do sonho. Uma aparência delusiva se torna outra. Portanto, reconheça com clareza que o samsara consiste de experiências delusivas e aquilo que a gente abandona não vai para lugar nenhum.*

Por exemplo, a gente abandonou o sonho da noite e o sonho não foi para lugar nenhum. A gente abandonou o sonho do dia e o sonho não foi para lugar nenhum.

*O samsara e o nirvana estão totalmente presentes como nossas próprias percepções e inteiramente incluídos na vastidão da natureza essencial. Essa natureza essencial é chamada de base.*

Isso seria Alaya, Kungzhi. Não está escrito isso, mas é isso.

*O aspecto não consciente da base é chamado de substrato. E seu aspecto puro é chamado de Dharmakaya. Por estar exaurido na escuridão da falta de lucidez, essa base fundamental, como espaço que permite o surgimento de todas as aparências, é o substrato.*

Isso é o conjunto das impressões que vão surgir como Alaya Vijnana.

*O aspecto aparente da conceitualização dualística manifesta-se como as aparências delusivas da apresentação dos três mundos.*

Agora é o aspecto primordial, o aspecto último.

*A natureza essencial da base é semelhante à natureza essencial do espaço. Não é transformada pelo dia e noite.*

Porque ela é que sustenta a experiência de dia e sustenta a experiência de noite. A experiência de dia e de noite dependem de uma base condicionada. Mas essas aparências, elas repousam nesse espaço primordial que não é afetado pela seja lá por qual for a aparência.

*A natureza essencial da base é semelhante à natureza essencial do espaço, que não é transformada pelo dia e noite, não se transforma em qualquer outra coisa e possibilita o surgimento da luz e também da escuridão. Por isso é chamada de Samantabhadra, sem bom e mau*

Ou seja, sem avaliação das aparências.

*Sua natureza manifesta aparece como a mente, mas no interior da radiância interna de seu ventre surge de modo auto emergente, como a base dos cinco Diani Budas, das cinco cores, das cinco sabedorias, das cinco inteligências. Então:*

*Sua natureza manifesta aparece como a mente, mas no interior da radiância interna de seu ventre surge auto emergentemente como a base das cinco faces da Consciência Primordial, os cinco Kaías, as cinco Terras de Budas. Portanto, é a grande Consciência Primordial, originalmente presente.*

De onde tudo se origina, incluindo cinco Diani Budas.

*As deidades, as Terras de Buda, do Nirvana estão também totalmente presentes de modo espontâneo em nossa própria base. Assim, do mesmo modo, as Terras de Buda, bem como as deidades autônomas que se movem ou nascem em um mundo após o outro, nada mais são do que aparências e experiências dualísticas.*

Ele está incluindo aqui o que são experiências dualísticas e aparências. O que ele incluiu: as deidades, as Terras de Buda, Nirvana, as deidades autônomas que se movem para ou nascem em um mundo após o outro. *Nada mais são do que aparências e experiências dualísticas.* Então, esse é um ponto que também está presente no Mahamudra, que é o ponto em que todo o Vajrayana com sinais, com as deidades todas, ele é também reconhecido como uma manifestação completamente integrada no aspecto primordial, ou seja, ele cessa no aspecto primordial.

*Para os que falham nesse ponto*

Ou seja, faltou alguma coisa, nós temos uma fixação numa terra de Buda, numa deidade, num aspecto parcial do conhecimento.

*Para os que falham nesse ponto, mesmo que se manifestem como jñānasattvas, ou seja, detentores de sabedoria, eles não têm base ou raiz para transcender a existência mundana.*

De novo, ele está diagnosticando a situação de Dudjom Lingpa, que se manifestava como um jñānasattva. Ele falava sobre todas as coisas.

*Uma vez que a raiz que aparece desse modo é penetrada e cortada, e não meramente escrutinada.*

Ou seja, a raiz do que aparece, seja o que for, incluindo as deidades, ela é penetrada e cortada, e não meramente escrutinada. Eu posso apontar, mas não cortar.

*Desse ponto em diante, naturalmente, a reificação e fixação serão naturalmente cortadas também.*

A experiência, ela se torna a experiência primordial e não mais a experiência de apontar isso ou apontar aquilo. Não é mais o jñanasatva que está apontando, que está olhando, escrutinando, reconhecendo. Ele é a base de onde brota o jñanasatva que reconhece e vê.

*Quando você está no caminho, nesse ponto, não se engaje, mesmo que muito brevemente, no exame da mera natureza da existência.*

A gente tem um trabalhão para examinar a natureza da existência. Nagarjuna, por exemplo, teve um super trabalho de analisar a natureza da existência. Mas aí vem o Dorje Drolo, extremamente irado, que vai romper com isso. Quando você está no caminho e você chegou nesse ponto. Até aí tudo bem, o exame da natureza da existência e todas as etapas anteriores são super

cruciais, mas nesse ponto *não se engaje, mesmo que muito brevemente, no exame da mera natureza da existência.*

Porque quando a gente se engaja, nós surgimos como alguém que está analisando.

*Sem qualquer investigação, sem qualquer análise, sem nenhuma prática meditativa, sem uma modificação ou alteração. Relaxe no interior de si mesmo, na natureza essencial*

Isso seria Zangtal, uma abertura. Então, essa é a nossa prática.

*Por relaxar e repousar completamente lá, as aparências e expressões criativas naturalmente virão à frente, liberando-se a si mesmas.*

Abertos os conteúdos aparecem, liberando-se a si mesmos. Aí tem essa clareza como há essa abertura, essa abertura não tem fixação a esses aspectos todos, quando eles surgem, eles se liberam a si mesmos, porque há essa não fixação.

*Isso é chamado de iluminação da face da Grande Perfeição do samsara e nirvana*

Iluminação das aparências. Eu não estou dizendo assim: a iluminação de Samsara e Nirvana. Ele está chamando isso de iluminação da face da Grande Perfeição, ou seja, a clarificação da Grande Perfeição do samsara e nirvana pela consciência primordial. Aqui ele distinguiu claramente que isso não é um processo, como ele vai dizer, de *investigação, análise, prática meditativa, modificação, alteração*. Não é isso, não é apontar. É relaxar nessa abertura, que é lúcida. Esse é o ponto essencial. A gente poderia dizer que esse é o ponto essencial do Dharma Tolo. É o que ele está introduzindo a mais do que a maior parte dos ensinamentos que a gente ouve.

*Toda a modificação, alteração, esperança, medo, dúvida, negação.*

Toda modificação, alteração, esperança, ou seja, eu quero alguma coisa, ou medo ou dúvida ou negação, afirmação, fixação a uma experiência, esforço, investigação, análise são imputados pelo intelecto. Eu tenho então um aspecto dual aqui operando. E aquilo que eu vejo é um objeto do conhecimento. Ele diz: *o intelecto não é o aspecto último. O aspecto último transcende o intelecto. Assim, você precisa reconhecer esse ponto crítico.* Só que muitas vezes a gente já viu que o ponto último está além do intelecto. A gente já viu isso, além do aspecto discursivo. Só que aqui ele mostra direitinho como é que é isso. Então, o que é a abertura e o que é a análise?

*O aspecto último transcende o intelecto. Assim, você precisa reconhecer esse ponto crítico. Quando você está firmemente estabelecido, você pode cair em erro. E mesmo que você esteja presente no aspecto de vacuidade, os pensamentos podem ficar escondidos.*

É como se eles estivessem na bolha. Eles estão lá na experiência de Terra Pura que seja. *Mesmo que você esteja presente no aspecto de vacuidade, os pensamentos podem ficar escondidos além do alcance das expressões criativas da consciência prístina. Nesse caso, eu digo que os pensamentos se tornam eticamente neutros no bordo entre a mente e a consciência prístina. O ponto sublime e extremamente crucial é não afastar-se da natureza de Grande Perfeição da existência de Samsara e Nirvana.*

Que é a não dualidade, a luminosidade não dual.

*Com isso, todos os deuses e demônios e todos Samsara e Nirvana são liberados dentro de si mesmos, sem distinção entre bom e mau.*

Eu diria assim, quando nós observarmos esse aspecto de abertura e nós olharmos as múltiplas expressões em todas as direções, as múltiplas expressões, elas são expressão dessa grande abertura. E, por sua vez, a expressão da grande abertura não reduz a grande abertura, porque seja onde houver uma construção, essa construção não obstaculiza a grande abertura. Do



mesmo modo que a originação dependente, ainda que ela produza aparências, as aparências que ela produz não obstaculizam a grande abertura. A grande abertura não é construída, ela está incessantemente presente. E ela não é obstaculizada por nenhuma aparência.

*Quando da extinção, na realidade última, todas as aparências perduram em sua própria luminosidade interna, como a dissolução das aparências ilusórias ou a lua no céu vazio desaparecendo no espaço. E é como se a luz cristalina da Consciência Primordial, não obscurecida, perdurasse dentro. De nossa própria perspectiva, as atividades para proveito dos outros não demanda esforço.*

Então aqui ele está falando da compaixão.

*A radiância, do brilho interno da vastidão manifesta-se como o cinco Kaias, as cinco Terras de Buda, naturalmente desimpedidas e, deles, as expressões criativas dos Nirmanakayas compassivos dos Budas são os professores auto emergentes, percepções dos próprios discípulos.*

Esse é um ponto interessante, porque a gente poderia pensar: mas e a compaixão, brota de onde? Aqui ele diz: *a radiância do brilho interno da vastidão manifesta-se como os cinco Kaias. De nossa própria perspectiva, as atividades para proveito dos outros não demanda esforço.* Tem um surgimento natural. Isso é o final dos ensinamentos de base que ele recebe e que ele dá, portanto. Agora, Dudjom Lingpa vai trazer o resumo da visão dele. É como se fosse a despedida dele, na relação com os próprios alunos. Ele vai pegar o núcleo central no coração dele e vai falar sobre ele também. Ele vai falar sobre ele e é como ele se despede e dá as bênçãos.